

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DIEGO RAFAEL TAUCHER

A NEUTRALIDADE TECNOLÓGICA E A
SALA DE AULA: Análise teórica e prática de
Pierre Levy

2016

DIEGO RAFAEL TAUCHER

A NEUTRALIDADE TECNOLÓGICA E A
SALA DE AULA: Análise teórica e prática de
Pierre Levy

Trabalho de conclusão de
curso de especialização no
Ensino de Filosofia no ensino
médio, orientado pelo
professor Dr. Ronei Clécio
Mocellin.

2016

Sumário

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO	5
ONTOLOGIA DA TECNOLOGIA E DO CIBERESPAÇO	7
A NEUTRALIDADE DA TECNOLOGIA E PRODUÇÃO	
FILOSÓFICA EM SALA DE AULA	15
A Inteligência coletiva	18
PRÁTICA DOCENTE DA FILOSOFIA NO AMBIENTE	
VIRTUAL.....	21
Proposta de trabalho a alunos do terceiro ano do ensino	
médio.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS POSSÍVEIS.....	30
ANEXO I.....	32

RESUMO

Ao longo deste trabalho faremos uma investigação sobre o processo de ensino de filosofia e as novas tecnologias. Sabemos que com o advento do século XXI as novas ferramentas tecnológicas vieram para ocupar papel fundamental na sociedade. Quando nos deparamos com os seus efeitos no cotidiano, percebemos que ela ajuda a mudar radicalmente a nossa realidade. Um dos domínios mais retrógrados face às novas tecnologias é a educação, embora hoje não possamos mais constituir um ensino tendo como material didático apenas quadro e giz. Para nos ajudar nessas reflexões, buscamos nas reflexões do importante filósofo contemporâneo Pierre Lévy um tratamento conceitual mais adequado, sobre o temas como “ciberespaço” e “objetos técnicos”. Com isso, nos propomos refletir como integrá-los ao ensino de filosofia.

Palasvras-chave: 1-Ensino de filosofia 2- Ciberespaço 3-Pierre Lévy

ABSTRACT

Throughout this paper we will research on the philosophy of teaching process and new technologies. We know that with the advent of the twenty-first century the new technological tools have come to occupy key role in society. When we encounter its effects on daily life, we find that it helps to radically change our reality. One of the most backward in the face of new technology areas is education, although today we can no longer be a school with as teaching material at the blackboard. To help us in these reflections, we sought the reflections of important contemporary philosopher Pierre Lévy a better conceptual treatment, on topics such as "cyberspace" and "technical objects". Thus, we propose to consider how to integrate them into teaching philosophy.

Key-words: 1-Philosophy teaching 2-Cyberspace 3-Pierre Lévy

INTRODUÇÃO

A filosofia sempre foi um motivo de questionamento na sociedade. Assim, ela foi construída ao longo da história da humanidade, mas hoje ouvimos com frequência a dificuldade em se fazer filosofia, nem todos estão dispostos a pensar e questionar. Segundo o senso comum, e até alguns filósofos como os frankfurtianos pessimistas, vivemos em uma sociedade que pensa pouco, ou é alienada.

O pensamento massificado é produzido pelas grandes mídias e o ambiente virtual pode ser considerado uma maneira de condicionar esse processo, não permitindo que as pessoas tenham ideias e reflexões filosóficas. Mas estejam centrados na ideia corrente, que por sinal muda constantemente. Com isso torna-se extinto o pensamento sólido e bem construído.

A educação é parte fundamental da sociedade, e está também sofre constantemente os efeitos tecnológicos. Professores e alunos vivem em um embate constante, uns lutando pelo uso, outro reprovando plenamente o manuseio da tecnologia do século XXI. Torna-se difícil saber quando é viável ou não essa utilização, e principalmente não se sabe se agora o mundo virtual é herói ou vilão da educação.

Como filósofo de destaque na atualidade temos a figura de Pierre Lévy. Este pensa a formação da cultura e do pensamento filosófico no século XXI. Ao pensar a cibercultura ele elabora uma forma de o ser humano estar disposto a se lançar em um novo ambiente, habitar uma nova dimensão e com isso pensar e questionar de uma forma diferente da tradicional e corrente até muito pouco tempo atrás.

Assim se torna necessário analisar o processo de virtualização com influência do ensino e produção da filosofia. Para alcançar tal reflexão iniciaremos com o referencial teórico sobre a ontologia do virtual analise do processo de virtualização na sociedade. Feito isto faz-se necessário perceber as mídias e principalmente as redes sociais, estas serão o foco da investigação em relação a filosofia. E aborda-se como questão fundamental a possibilidade de produzir e ensinar filosofia usando redes sociais.

Sabemos que no século XXI o celular é de uso cotidiano da grande maioria dos alunos. Tendo em vista tal fato podemos pensar como esta tecnologia pode contribuir para a sala de aula. Mesmo que muitos não o vejam como ferramenta, e a própria lei iniba o seu uso, ele pode ainda contribuir na construção e apropriação do conhecimento filosófico. Muitos dos nossos estudantes querem estar conectados, e ao longo deste trabalho buscaremos analisar criticamente esta conexão e lançar sugestões para o uso pedagógico.

ONTOLOGIA DA TECNOLOGIA E DO CIBERESPAÇO

Ao adentrarmos na reflexão levyana sobre os processos de virtualização e a cerca do próprio virtual reafirmamos que esse não é oposto ou contrário ao real. O virtual é sim contrário ao atual, ou melhor, é oposto ao atual.

[...] o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já construído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que se chama processo de resolução: a atualização.¹

Passamos agora a refletir sobre o virtual como um problema, que somente acha sua resolução face ao atual. No entanto o atual, que agora é a solução dada a um problema, novamente gera um problema iniciando uma troca constante. No processo de atualização a solução alcançada não estava previamente descrita no problema, mas é fruto de uma criação, com isso ocorre não só uma escolha entre os possíveis, mas uma produção de novas qualidades.² Entre o real e o possível, vemos que se assemelham, mas “o atual em nada se assemelha ao virtual: *responde-lhe*.”³

Com isso compreendemos “a diferença entre realização (ocorrência de um estado pré-definido) e a atualização (invenção de uma solução exigida por um complexo problemático).”⁴ Mas aqui somente entendemos processo de atualização, queremos agora investigar o processo contrário, a virtualização. Esta consiste na passagem do atual ao virtual, onde uma determinada entidade

¹LÉVY, 1996. p. 16.

²Cf. LÉVY, 1996, p. 16-17.

³LÉVY, 1996, p. 17.

⁴LÉVY, 1996, p. 17..

sofre a ‘elevação à potência’. Vele lembrar que no processo de virtualização não ocorre a ‘desrealização’, mas uma mutação de identidade.⁵

A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização [invenção de uma sugestão exigida por um complexo problemático].⁶ Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológica do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta de uma questão particular [...] A virtualização passa de uma solução a um (outro) problema.⁷

Segundo Pierre Lévy ao nos colocarmos diante de algo, seja o que for, temos várias possibilidades, conseguimos ver várias possibilidades. Até então não existe nada de diferente, mas quando mudamos esse quadro de possibilidades, extrair de algo pronto, atual, criar o que exija mais. Diante do que está posto criar um novo, aumentando assim o número de possibilidades. Se voamos vamos além de nossas possibilidades. Antes desenvolvemos toda uma problemática de como voar. Mutamos nossa forma normal de locomoção. Não fomos feitos para voar, fomos feitos para andar, assim ao voarmos

⁵LÉVY, 1996, p. 17..

⁶LÉVY, 1996, p. 17.

⁷LÉVY, 1996, p. 17.-18.

mudamos uma característica essencial de locomoção, virtualizamos nossa locomoção.

Abandonar a solução dada e afastar-se da atualização é a virtualizar. É passar do pronto do resolvido ao impossível, que só poderá ser chamado atual novamente, depois de ter se solucionado, depois de um problema ter uma solução. Portanto, a relação atual e virtual se dá nessas passagens de criar um problema e inventar uma solução.

Para explicar toda essa questão do virtual Lévy usa o exemplo da virtualização de uma empresa. Onde ocorre uma mutação de identidade. Saímos, por meio da virtualização, de uma organização clássica, com divisões em departamentos. Onde os funcionários se reuniam em um mesmo local, cumpriam um horário demarcado com o cartão ponto. Passamos então à empresa virtual onde os funcionários, muitas vezes, são dispensados de um horário fixo, e mais ainda, são dispensados de um mesmo espaço físico, pois cada qual pode trabalhar em sua residência ou em seu escritório doméstico.⁸

Por meio deste exemplo vimos uma mudança da entidade da empresa, que passa a ser virtual. As mudanças estavam por acontecer, de uma solução (atualidade), algo pronto que até então tinha bons resultados. Mas também, passamos, ou melhor, tentamos criar um problema, que é a virtualização da empresa, ou qualquer outra entidade. O problema de reorganizar-se em um diverso espaço geográfico, mas sem perder o contato profissional, e a partir disso as relações passa a ser mediadas por meios midiáticos.

⁸Cf. LÉVY, 1996, p.18.

Primeiramente devemos esclarecer o termo quadrívio “ou via quadúpla, foi forjado por Boécio no século VI d.C. para designar o estudo que deviam seguir o trívio [...] a aritmética, a geometria, a música e a astronomia.”⁹ Mas Lévy apenas usa tal termo para que possamos adentrar ao estudo e das “relações entre possível, real, atual e virtual.”¹⁰

Primeiramente temos que defini-los e entendê-los juntos. Assim sendo o possível e o virtual tem traços comuns, pois ambos são latentes, não manifestos. Em contrapartida o real e o atual têm como característica a manifestação.¹¹ Não podemos perder de vista o que já tratamos antes sobre o processo de virtualização, a saber, que o atual é uma resposta ao virtual. o virtual é uma problemática a ser solucionado. “A articulação do virtual e do atual anima a própria dialética do acontecimento, do processo, do *ser como criação*.”¹²

Com a dialética e a ordem que ocorre é que o atual e o virtual não se identificam com o real e o virtual. O real e o possível estão para uma ordem de seleção e dizem respeito a substâncias. Ou seja, apenas ocorre uma escolha entre algumas possibilidades sem a ocorrência de nenhum novo fator. O atual e o virtual estão para a ordem da criação e são voltados aos acontecimentos, onde se faz necessária a criação de um problema, para que a virtualização aconteça, e posteriormente uma solução para a atualização.¹³

As quatro transformações são aqui entendidas separadamente, mas se as observarmos em um fenômeno particular vemos uma união e mistura quase indissolúvel. “Real, possível, atual e virtual são quatro modos de ser diferentes, mas quase sempre operando *juntos* em cada fenômeno concreto que se possa

⁹LÉVY, 1996, p. 136.

¹⁰LÉVY, 1996, p. 17.

¹¹LÉVY, 1996, p.136-137.

¹²LÉVY, 1996 p. 137.

¹³LÉVY, 1996 p. 140.

imaginar”.¹⁴ E ainda mais “vê-se que os processos de potencialização e de realização só adquirem sentido pela dialética da atualização e da virtualização”.¹⁵ As substâncias só passam a ter sentido se relacionadas com os acontecimentos.

Podemos entender o quadrívio como quatro passagens e quatro assimilações. A saber, que a realização está para a causalidade material. A potencialização está para a causa final. A atualização está para a causa eficiente. E a virtualização está para a causa final.

“A *realização* [...] pode ser assimilada à *causalidade material*: ela nutre da matéria uma forma preexistente.”¹⁶ Assim não existe nem criação nem algo novo, somente a efetivação do já dado. Se nos recordarmos do que refletíamos da virtualização da economia e no exemplo da empresa clássica vemos isso mais claramente. O funcionário clássico apenas executa o que estava prescrito. Portanto na realização não existe criação somente um acontecimento predeterminado.

[...] a realização seleciona entre possíveis predeterminados, já definidos. Poder-se-ia dizer que o possível é uma forma a qual uma realização confere uma *matéria*. Essa articulação da *forma* e da *matéria* caracterizam um pólo da *substância*, oposto ao pólo do acontecimento.¹⁷

¹⁴LÉVY, 1996 p. 142.

¹⁵LÉVY, 1996, p. 142.

¹⁶LÉVY, 1996, p. 138.

¹⁷LÉVY, 1996., p. 137.

A premedeterminação do real é o possível. “a *potencialização* ou *causa formal*, [...] é identicamente a uma forma, uma estrutura ou uma reserva”.¹⁸ A causa final, como no entendimento aristotélico define os contornos do objeto, é aquilo que dá a forma. É o projeto do que se realizará.

Realização e potencialização pertencem ambas à ordem da seleção: escolha molar entre os possíveis, para a realização. Triagem molecular e reconstituição de uma forma, para a potencialização. Oponho aqui essa ordem de seleção a outro registro de transformação completamente diferente, o da criação ou do devir, ao qual pertencem a atualização e a virtualização.¹⁹

Passamos agora a pensar outras duas passagens do quadrívio. O atual e o virtual. Ambos estão constantemente se revezando. Analogamente como o dualismo, existente na filosofia chinesa, da figura simbólica do yin e yang. Se pode afirmar isso, segundo Lévy, porque existe uma transformação perpétua e constante de um no outro.²⁰ Ou seja, o atual se virtualiza e o virtual se atualiza. Remetendo assim à filosofia deleuziana já pensada pela cristalização da imagem cinematográfica. A saber:

¹⁸ LÉVY, 1996, p. 138-139.

¹⁹ LÉVY, 1996, p. 139.

²⁰ LÉVY, 1996 p. 144.

A imagem virtual absorve toda a atualidade do personagem, ao mesmo tempo que o personagem atual nada mais é que uma virtualidade. Essa troca perpétua entre o virtual e o atual define um cristal. É sobre o plano de imanência que aparecem os cristais. O atual e o virtual coexistem, e entram num estreito circuito que nos reconduz constantemente de um a outro.²¹

Essa troca que gera o dinamismo da criação do devir das coisas. Aqui está o ponto de conexão do virtual e atual. Na coexistência imanente se formam e se fundam. “A virtualização enfim, passa do ato – aqui e agora – ao problema, aos nós de coerção e de finalidades que inspiram os atos.”²² Enquanto que “a atualização inventa uma solução ao problema colocado pelo virtual.”²³ com isso Lévy sugere que:

Colocamos a *causalidade eficiente* do lado da atualização porque o operário, o escultor, o demiurgo, sendo um ser vivo e pensante, jamais pode ser reduzido a um simples executante: ele interpreta, improvisa, resolve problemas²⁴

²¹ALLIEZ, 1996, p. 54.

²²LÉVY, 1996, p. 139-140.

²³LÉVY, 1996, p. 139.

²⁴LÉVY, p.139.

Para finalmente completar o quadrívio pomos o virtual como causa final. A causa final é a sua utilidade, seu uso. A virtualização é a invenção de problemas, exige uma criação e sua temporalidade é eterna.²⁵ A saber:

Na medida em que existem tantas temporalidades quantos problemas vitais, a virtualização move-se no tempo dos tempos. A virtualização sai do tempo para enriquecer a eternidade. Ela é fonte dos tempos, dos processos, das histórias, já que comanda, sem determiná-las, as atualizações. Criadora por excelência, a virtualização inventa questões, problemas, dispositivos geradores de atos, linhagens de processo, máquinas de devir.²⁶

Portanto, temos uma grande dificuldade e quase uma impossibilidade em definir um tempo específico ao virtual. Ele move-se e é fonte dos tempos. Em termos ontológicos podemos dizer que o virtual é enquanto é, mas não está aí, justamente pela eternidade. Portanto “o virtual [...] não está aí, sua essência está na saída: ele *existe*”.²⁷ Ele é “problemático por essência, o virtual é como uma situação subjetiva, uma configuração dinâmica de tendências, de forças, de finalidades e de coerções que uma atualização resolve”.²⁸

Do que refletimos podemos salientar que o real e o possível são da ordem da seleção. Acontecem por si só, não necessitam de uma intervenção humana dizem respeito às substâncias. Em contrapartida o virtual e atual são

²⁵LÉVY, 1996, p. 140.

²⁶LÉVY, p.140.

²⁷LÉVY, 1996 p. 137.

²⁸LÉVY, p.137.

da ordem da criação. Ambos se caracterizam pelo acontecimento e pela intervenção subjetiva. Nada se virtualiza ou atualiza sem a existência de um sujeito. O virtual não pode ser localizado em um tempo específico, já que ele move-se no tempo dos tempos e sai do tempo para enriquecer a eternidade; ele existe e precede uma ocorrência ou uma atualização.

A NEUTRALIDADE DA TECNOLOGIA E PRODUÇÃO FILOSÓFICA EM SALA DE AULA

Desde o início da história da filosofia questiona-se com ensinar e fazer filosofia. Entretanto, com o advento da modernidade temos alguns filósofos questionando a modo de ensinar filosofia, pois não poderemos estar centrados em ensinar a história da filosofia, mas devemos ensinar a filosofar, tornar o aprendiz um filósofo.

De um professor espera-se, pois, que ele forme em seu ouvinte, primeiro o homem sensato, depois o homem racional e, por fim, o douto. Semelhante procedimento tem a vantagem de que o aprendiz, mesmo que jamais chegue ao último grau, como em geral acontece, ter sempre ganho alguma coisa com o ensino e se ter tornado mais exercitado e mais atinado, senão perante a escola, pelo menos perante a vida²⁹

Depois deste período temos o advento das novas tecnologias que prometem revolucionar o mundo e o fazer, mudam muitos paradigmas e

²⁹ DIFANTE, Édison Martinho da Silva, *apud* KANT, 1992. p. 173. Disponível em: <http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/006e1.pdf>; acessado em: 12 de Agosto de 2013.

logicamente isso gera a não aceitação dos novos paradigmas, afirmando que este novo período não possui estabilidade de pensamento.

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais do que tudo, foi redirecionado a um novo alvo e um dos principais efeitos desse redimensionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema.³⁰

Os mais pessimistas filósofos que integraram a escola alemã de Frankfurt, no século XX, afirmam que o sistema capitalista e a indústria cultural são um instrumento de massificação gerando um pensamento homogêneo e a incapacidade de refletir. Na chamada razão instrumental funda-se a cultura de massa na qual a própria arte e o conhecimento passam a ser vendidos como produto. É a sociedade da reprodução, na qual as verdades, os costumes, a moda e até mesmo o conhecimento deixam de ser produzidos para serem repetidos.

Indústria cultural é um termo difundido por Adorno e Horkheimer para designar a indústria da diversão de massa, veiculada por televisão, cinema, rádio, revistas, jornais, músicas, propagandas etc. por meio da indústria cultural e da diversão se obterá a homogeneização dos comportamentos e a massificação das pessoas.³¹

Alguns filósofos com Pierre Lévy, percebem apenas uma maneira de construir o conhecimento. A humanidade já passou por alguns momentos que

³⁰ BAUMMAN, 2000. p. 21

³¹ COTRIM, Gilberto. FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de filosofia**: manual do professor. São Paulo Editora Saraiva. 2ª edição. 2013. P. 315

representou isso, a saber a oralidade, a escrita e hoje nos concretizamos na era da comunicação virtual.

Antes da escrita, o saber era ritual, místico e encarnado por uma comunidade viva. [...] Temos um segundo tipo ideal de relação com o saber que é ligado à escrita, o saber trazido pelo livro.

Em geral, é um livro único suposto a conter tudo, como, por exemplo, a Bíblia. Aí a figura do conhecimento não é mais velho, mas o comentador, o intérprete.

Com o advento da imprensa, há um novo tipo de ideal que não é mais o livro, mas a biblioteca [...] Cada palavra, cada tema remetia um a outro e, assim, já eram uma espécie de hipertexto, cuja a navegação na biblioteca já era muito diferente do que no livro. [...]

Hoje, entretanto, estamos assistindo à desterritorialização da biblioteca. É como se tivéssemos voltando às origens, em que o portador do saber era a comunidade viva [...] Atualmente, o hipertexto não consegue conter a velocidade com que circula a informação. Com a informação é fluxo é como se o coletivo novamente fosse portador do conhecimento.³²

Com isso chegamos às novas maneiras de elaborar o conhecimento por meio do constante fluxo de pensamento e da construção de algo conhecido como a inteligência coletiva.

Primeiro, a inteligência coletiva e os dispositivos técnicos que a propagam não podem ser decretados nem impostos por nenhum tipo de poder central [...] os beneficiários devem ser também os responsáveis. Seu funcionamento só pode ser progressivo, integrador, incluyente e participativo [...] Em segundo lugar, a inteligência coletiva é muito mais um problema aberto – tanto no plano prático como teórico – que uma solução para ser usada. Mesmo que as experiências e as práticas sejam abundantes, trata-se de uma cultura a ser inventada e não um programa a ser aplicado [...] Em terceiro lugar, a existência dos suportes técnicos não garante de forma alguma que sejam atualizadas *apenas* suas virtualidades mais positivas do ponto de vista do desenvolvimento humano. Condicionar e não determinar.³³

Com o ciberespaço podemos ter uma grande evolução no pensamento filosófico e no modo de fazer filosofia, pois podemos pensar e discutir fora do

³²PELLANDA, 2000. p. 17-18.

³³LÉVY, 1999p. 208-209.

espaço tradicional, quebramos a necessidade de interface e nos lançamos em um novo espaço, que nos permite a troca de informações e assim, por meio de discussões o aprimoramento de nossas ideias. O ensino da filosofia pode ser dado por meio dos questionamentos lançados nesse meio, auxiliando não só no suporte histórico filosófico, mas também questionado as verdades para que esta seja depurada e a alcançada.

A Inteligência coletiva

Tendo refletido o hipertexto e todo movimento coletivo, podemos agora ir além, discutimos e discursamos agora sobre a inteligência coletiva. Pierre Lévy define inteligência como “o conjunto canônico de aptidões cognitivas, a saber, as capacidades de perceber, de lembrar, de aprender, de imaginar e de raciocinar”.³⁴ No entanto, o desenvolvimento da inteligência se dá num diálogo, seja ele real ou imaginário.

Segundo a concepção levyana podemos definir “a inteligência coletiva como uma inteligência distribuída em toda parte”.³⁵ Esta definição é a base de nossa reflexão. Pois como o próprio Lévy nos apresenta a inteligência não se dá sem um diálogo.³⁶ Se estendemos esse diálogo ao toda parte fazemos coletivizar. Já anteriormente a inteligência não acontecia de forma isolada, mas agora pensamos juntos as questões, buscamos soluções conjuntas e

³⁴LÉVY, 1996, p. 97.

³⁵LÉVY, 1996, p. 96.

³⁶LÉVY, 1996., p. 97.

simultâneas para certos problemas. A inteligência coletiva apresenta também três características.

Primeiro, a inteligência coletiva e os dispositivos técnicos que a propagam não podem ser decretados nem impostos por nenhum tipo de poder central [...] os beneficiários devem ser também os responsáveis. Seu funcionamento só pode ser progressivo, integrador, incluyente e participativo [...] Em segundo lugar, a inteligência coletiva é muito mais um problema aberto – tanto no plano prático como teórico – que uma solução para ser usada. Mesmo que as experiências e as práticas sejam abundantes, trata-se de uma cultura a ser inventada e não um programa a ser aplicado [...] Em terceiro lugar, a existência dos suportes técnicos não garante de forma alguma que sejam atualizadas *apenas* suas virtualidades mais positivas do ponto de vista do desenvolvimento humano. Condicionar e não determinar.³⁷

Com isso podemos afirmar que a inteligência coletiva é virtual. Pois afirmamos que é um problema aberto, uma constante de elevar nossos saberes a uma problemática, que não é individual, mas coletiva. Todos os que se beneficiam da inteligência coletiva tem também a obrigação de mate-la. Ela nos dá condições para que possamos desenvolver nossos saberes, nossas ciências. Vale lembrar que nos dá condições e não determina o que vamos estudar, refletir e saber.

Formamos uma inteligência coletiva, que existe para além de nós mesmos. Primariamente todos têm a consciência que é particular, individual, mas o nosso pensamento só pode ser entendido coletivamente.³⁸ Abrangemos e pensamos juntos a realidade, nossas pesquisas nossos saberes. Entretanto, estamos limitados ao espaço geográfico. Leva-se assim mais tempo para a

³⁷ I LÉVY, 1996 p. 208-209.

³⁸ I LÉVY, 1996, p. 170.

pesquisa e para o pensamento coletivo mais depurado. No entanto no final do século XX temos um contributo.

Internet é a rede de interações entre seres humanos, propiciado pelo advento de uma tecnologia digital representada pelos computadores pessoais conectados em rede e que obriga uma alteração quântica na forma de pensar. A “inteligência coletiva” (Pierre Lévy, 1998) fica liberada das amarras geográficas, tornado possível um *brain storm* a distância, um texto coletivo, um “hipertexto”, que resulta maior do que a soma das partes.³⁹

Seguindo a mesma perspectiva já tratada que existe uma grande chamada ciberespaço e que cada um de nós representa um nó desta rede. Com a união desses pontos por meios conectores (internet) pode existir um grande desenvolvimento intelectual que antes era impossível.

Quando Newton e Leibniz descobriram quase ao mesmo tempo o cálculo infinitesimal ou diferencial, eles não tinham como saber o que o outro estava fazendo e não podiam trocar experiências. Isso certamente deu muito mais trabalho, e a ciência poderia sair ganhando se eles tivessem algum suporte para desenvolver seus conhecimentos em conjunto. Esse suporte hoje é o ciberespaço, como nos mostra Pierre Lévy.⁴⁰

Portanto vemos uma grande influência do ciberespaço e da virtualização do saber científico. Com o hipertexto, videoconferências,

³⁹PELLANDA, 2000. p. 129.

⁴⁰PELLANDA, p. 140.

comunidades científicas virtuais e meios de comunicação temos uma grande facilidade do progresso científico. A ciência pode e ganhará muito com a introdução do virtual como mais um utensílio. Formamos um saber que é ligado por links e que nos faz pensar e nos relacionar mais com nossa realidade.

PRÁTICA DOCENTE DA FILOSOFIA NO AMBIENTE VIRTUAL

Nas reflexões feitas anteriormente vimos alguns filósofos que defendem a neutralidade tecnológica em relação ao mundo. Certamente, quando falamos isso percebemos também o ambiente escolar. A escola que temos ainda é um sistema do século passado.

Quando nos deparamos com quadro e giz como principais materiais de trabalho do docente parece que ainda não estamos na era tecnológica. A própria lei Nº 4.131/2008 proíbe o uso do celular em sala de aula. Esta é uma tentativa de inibir problemas que o celular pode causar em sala de aula, mas será ela realmente eficiente? Percebemos que não, afinal uma lei deve ser cumprida, e sabemos que existem inúmeras possibilidades de o celular se transformar em um material didático. Com isso não estamos solicitando o fim da escola tradicional, somente propomos algumas adaptações às novas realidades.

O professor tem sido visto pela educação como o mediador do conhecimento. A informação e o conhecimento não estão apenas nas suas

aulas, mas podem ser adquiridos a todos os momentos. Isso não deve ser visto como uma desvalorização da figura do professor, pelo contrário, pois ele se torna o norteador, o sistematizador e principalmente o orientador para organizar e transformar as informações recebidas em conhecimento efetivo.

Vemos como o novo paradigma da *navegação* que se desenvolve nas práticas de levantamento de informações e de aprendizagem cooperativa no centro do ciberespaço mostra a via de acesso ao conhecimento [...] O ponto principal aqui é a mudança *qualitativa* nos processos de aprendizagem. Procura-se menos transferir cursos clássicos para formatos hipermídia interativos ou “abolir a distância” do que estabelecer novos paradigmas de aquisição dos conhecimentos e de construção de saberes. A direção mais promissora, que por sinal traduz a perspectiva da inteligência coletiva no domínio educativo, é a da *Aprendizagem cooperativa*.⁴¹

Como temos pensado no uso do celular em sala de aula podemos pensar algumas de suas utilidades. Frequentemente são lançados aplicativos para *android*, *ios* e sistemas operacionais que auxiliam os alunos a se prepararem para o Enem e vestibulares. Um exemplo claro disso é o aplicativo G 1Enem, que se parece com um jogo de perguntas e respostas, mas estas são elaboradas no mesmo formato da prova nacional aplicada pelo MEC. Com isso o estudante pode estar conectado e ao mesmo tempo estudando.

Com o exemplo anterior estamos tratando o uso do celular (como a mídia) de forma geral, mas e a filosofia em específico? Pode ser tratada da mesma maneira, afinal cada vez mais ganha espaço na referida prova nacional. Sabe-se que não são somente os vestibulares e Enem são o foco do ensino médio, mas contribuir para formar cidadãos críticos e capazes de pensar a sociedade.

⁴¹ LÉVY, 1999. p.170-171

No cotidiano escolar o celular pode contribuir também para essa formação de um ser humano integral e capaz de filosofar. Uma das estratégias a serem utilizadas é a leitura e análise de texto para realizar tal tarefa, foram distribuídos textos via Bluetooth para que os alunos pudessem ler e interpretar o mesmo, por meio disso promover uma discussão filosófica. Após a leitura cada aluno realiza uma ficha de leitura do texto que mais tarde será apresentada e debatida.

Este é um método importante para a produção de filosofia, partindo de clássicos e levando os alunos a filosofarem. Na mesma perspectiva é possível também fazer um exercício avaliativo sobre o texto lido por meio do Google. Todos que possuem contas no referido site podem criar um formulário a ser respondido, no caso o professor cria um formulário no qual o aluno responde e atinge uma nota. A resposta deste acontece on-line e pode ser realizado com qualquer aparelho de acesso a Internet, no caso um celular.

Com a sugestão apresentada anteriormente vimos uma forma e integrar conhecimento e tecnologia que os alunos tem em mãos. O ato da leitura e interpretação, bastante utilizado nas aulas de filosofia, pode ser mediado por vias virtuais, fazendo que um celular deixe de ser um vilão da educação e se torne um meio eficiente de produção do conhecimento.

Proposta de trabalho a alunos do terceiro ano do ensino médio

Pensando na necessidade de inserir as tecnologias no dia-a-dia da sala de aula e seguindo a própria proposta deste trabalho foram desenvolvidas

atividades usando o celular como meio didático. Neste momento vamos apresentar um pouco desse trabalho e sequencialmente os resultados obtidos.

O primeiro passo foi a leitura textual, para isto foi proposto o texto “selfie e o narcisismo”⁴² escrito por Diogo Didier. Este texto foi passado aos alunos por Bluetooth lido em pequenos grupos e posteriormente discutido no grande grupo. A primeira impressão que os alunos tiveram é que o texto se refere a uma crítica ao selfie, que é um autorretrato com objetivo de apresentar um corpo ideal, mas vazio de informações.

Como a *selfie* é uma prática comum entre os estudantes gerou bastante debate sobre o assunto, alguns concordando com o texto, outros questionando. Como no terceiro bimestre foi trabalhado a Escola de Frankfurt alguns argumentos surgiram de lá. Alguns utilizaram a teoria crítica para defender a idéia de que a tecnologia e as mídia alienam os seus usuários. Por outro lado há aqueles que afirmaram que a *selfie* é apenas uma maneira de retratar a realidade e uma pratica inofensiva.

Na etapa seguinte da atividade os alunos foram convidados a escrever sobre o assunto, relacionar *Selfie* e a estética contemporânea. Para produzirem o texto sobre a própria análise foram divididos em grupos de quatro integrantes, após a produção do texto este deveria ser publicado na rede social facebook juntamente com uma *Selfie* do grupo que o redigiu e marcando o professor responsável. A atividade tem como objetivo refletir sobre a agir com a

⁴² Disponível em: <http://serfelizeserlivre.blogspot.com.br/2014/04/selfie-e-o-narcisismo-moderno.html>, acessado dia 15 de Outubro de 2015. (Cópia do texto Anexo I)

própria tecnologia, para isto os alunos não precisam mais do que um celular, este mesmo que a grande maioria usa diariamente. Esta é uma maneira de refletir sobre a tecnologia usando ela mesma.

O receber do trabalho foi algo interessante, os alunos que na data combinada fizeram a postagem do trabalho também tiveram a oportunidade de ver o trabalho dos colegas. No dia seguinte o debate em sala de aula pode ser permeado pelas postagens feitas. Os estudantes compararam os *selfies* tirados, alguma de forma bem criativa, e teceram comentários sobre os textos, alguns até questionando a visão do colega.

Possivelmente essa é a Inteligência coletiva que nos propôs Pierre Lévy. Pois a inteligência é uma construção dialógica, e a filosofia ao longo de seu período foi desenvolvida por meio de um diálogo, como já propunha Habermas.

O conceito de verdade também se modifica em função dessa nova perspectiva. Habermas propõe o entendimento da verdade não mais como uma adequação do pensamento a realidade, mas como fruto da ação comunicativa; não como verdade subjetiva, mas como verdade intersubjetiva (entre sujeitos diversos) que surge do diálogo entre indivíduos. [...] sua validade [da verdade] será tanto maior quanto melhores forem as condições nas quais se dê o diálogo, o que se consegue com o aperfeiçoamento da democracia.⁴³

Não perdemos nossos estudantes para as tecnologias, mas temos a tecnologia como uma maneira de construirmos conhecimento. Assim como a dialética ou os antigos manuais já foram utilizados como maneira eficiente de produzir saberes hoje a tecnologia assume tal papel. A inteligência coletiva é uma construção de verdades que vem de um diálogo, e esse agora é facilitado

⁴³ COTRIM, Gilberto. FERNANDES, Mirna; 2013. P.316

e ganha uma nova forma de ocorrer em um nova ambiente chamado ciberespaço.

A desterritorialização da prática didática é uma necessidade do século XXI. O conhecimento não está só aqui, ou ali na biblioteca e nem somente na cópia impressa deste trabalho, mas a partir do momento que está postado no ciberespaço (ou está na nuvem) pode estar em todo lugar com acesso a internet. O conhecimento se espalha e passa a ser construído coletivamente.

Ao final do trabalho desenvolvido percebemos o quanto é necessário nos adaptarmos a nova realidade. Não podemos nos iludir e aceitar as futilidades e os enganos das redes sociais e do ciberespaço. Mesmo antes da popularização da internet já haviam pessoas alienadas. Com ela ou sem ela o mundo possui pessoas disposta a produzirem conhecimentos e estudarem e pessoas que desejam permanecer na mesma situação sem buscar um progresso intelectual.

"Armas não matam pessoas, pessoas matam pessoas." Armas são um meio independente dos fins que os usuários concretizam através de seu uso, sejam eles roubar um banco ou proteger a lei. Dizemos que a tecnologia é neutra, significando que ela não tem nenhuma preferência entre os vários usos possíveis aos quais pode ser aplicada. Esta é a filosofia instrumentalista da tecnologia, que é um tipo de produto espontâneo de nossa civilização, irrefletidamente assumido pela maioria das pessoas.⁴⁴

Isso nos revela aquilo que já for referendado anteriormente quando tratávamos da parte teórica de Pierre Lévy, onde a tecnologia atual pode ser comparada ao estribo medieval, na época a tecnologia que possuíam. Em

⁴⁴ FENBERG, Andrew. **O que é filosofia da tecnologia?** Tradução Augustin Apaza. Disponível em: https://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf acessado 03 de novembro de 2015.

ambos os casos a tecnologia não determina o que está acontecendo no contexto histórico, não está determinando, apenas é uma ferramenta que dá condições para construirmos o contexto vivenciado. Assim a tecnologia não é o molde da educação ou da sociedade contemporânea ela é apenas uma ferramenta que pode influenciar nossas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta produção buscou-se uma reflexão sobre os meios tecnológicos e a sala de aula. Ao abordarmos a mídia e o mundo virtual, na perspectiva levyana, vimos a reflexão de uma tecnologia que se apresenta neutra e os âmbitos que ela atinge. Percebendo que esta faz parte da vida humana desde os seus primeiros passos, e que o ciberespaço do século XXI é apenas uma ferramenta, em analogia com o que representou o estribo na idade média. Assim, estes não são determinantes da sociedade a que pertencem, mas apenas condicionantes do contexto inserido.

A popularização do ciberespaço passa a atingir todos os segmentos da sociedade, inclusive o da educação. Temos um novo espaço a ser explorado e são necessárias adequações ao sistema educacional, que não tem se mostrado tão eficiente, um sistema educacional de séculos atrás que o professor é o detentor do conhecimento absoluto e o aluno é indivíduo passivo no processo ensino/aprendizagem. Ambos são agentes educacionais na sociedade contemporânea.

A filosofia passa ser outro problema, pois seu ensino não é somente transmissão de história, mas sim reflexão e construção de verdades, partindo de seus clássicos. Para o fato de como produzir e lecionar filosofia nos levou a uma atividade prática descrita ao longo do trabalho envolvendo a questão da estética e o mundo virtual. Uma das questões que puderam ser percebidas é que além de ser um trabalho prazeroso, também houveram reflexões que podem ser consideradas início do processo filosófico.

Considerando o analisado percebemos que é possível produzir filosofia e lecionar filosofia usando como meio o ciberespaço. É uma necessidade do contexto que a ferramenta que está nas mãos de nossos estudantes possam não ser somente lazer e sejam produtores e geradores de conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS POSSÍVEIS

CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 2ª Ed. - Florianópolis: editora UFSC, 2013

DIFANTE, Édison Martinho da Silva, *apud* KANT. Disponível em: <http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/006e1.pdf>; acessado em: 12 de Agosto de 2013

KOEPSELL, David. **A ontologia do ciberespaço: a filosofia, a lei e o futuro da propriedade intelectual**. Tradução de Priscila Ribeiro de Souza Pereira. São Paulo: Madras Editora, 2005.

ALLIEZ, Éric. **Deleuze filosofia virtual**. Tradução Heloisa B. S. Rocha. São Paulo: Editora 34, 1996.

COTRIM, Gilberto. FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de filosofia: manual do professor**. São Paulo Editora Saraiva. 2ª edição. 2013.

FENBERG, Andrew. O que é filosofia da tecnologia? Tradução Augustin Apaza. Disponível em: https://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf acessado 03 de novembro de 2015.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?**. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Ciberdemocracia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

PELLANDA, Nize Maria Campos (Org.); PELLANDA, Eduardo Campos (Org.). **Ciberespaço**: um hipertexto com Pierre Lévy. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2000.

ANEXO I

Selfie e o Narcisismo

Na mitologia grega, Narciso, ou o autoadmirador, ficou conhecido pela sua beleza e também pela impossibilidade de se contemplar, pois segundo o mito, isso lhe renderia vida longa. Se ele estivesse vivo hoje, talvez o mito grego o levasse a morte instantânea. Isto porque, com a tecnologia, as pessoas buscaram outras formas de se autoadmirarem, sobretudo com a explosão das redes sociais. A moda agora é o selfie, palavra substantivada do Self “eu” em inglês, mais o sufixo ie, uma espécie de autorretrato feito com câmeras ou celulares. Tal prática, porém, denota a que ponto a superficialidade humana tem chegado, com pessoas extremamente preocupadas em sair bem na foto, enquanto outras questões humanas são esquecidas por essa sociedade cibernética e fotoshopada. Antes de qualquer coisa, é crucial destacar a importância da fotografia na história. Foi a partir dela que grandes momentos da humanidade foram eternizados e até hoje podem ser cultuados por outras gerações. O problema não reside aí, mas sim nos rumos que a fotografia vem tomando. Se antes se registrava grandes feitos, agora os feitos são registrados no fundo do quintal, no banheiro, dentro do elevador, na escola, ou em qualquer lugar que se considere importante. O modismo é tão grande que há até redes sociais específicas para esse tipo de prática, onde pessoas agrupadas, alegres e sorridentes, posam para as lentes de um dado aparelho. A priori, o primeiro ponto negativista dessa questão é a necessidade de se estar sempre bem na foto. Cabelos posicionados no lugar certo, maquiagem e olhar #SensualSemSerVulgar, para as meninas. Entre os meninos, ocorre à mesma coisa: a exibição dos atributos físicos em espelhos,

geralmente sem camisa, em poses às vezes discretas, mas com a intenção similar a das meninas, se autorretratar. Acontece que esses modelos vivos apenas perpetuam a mensagem perversa das indústrias da moda e da mídia, as quais impelem a todo instante o ideal de beleza a ser seguido e, claro, fotografado. Logo, muitas vezes induzidos por esse contexto, muitos cedem aos encantos desse mundo, sem perceber os perigos que circundam tal problemática. Com isso, vem à segunda questão, o público alvo. Inevitavelmente, os jovens são os mais atingidos por isso tudo, principalmente numa era como esta da qual eles são inseridos nas redes sociais antes mesmo de virem ao mundo. Incipiente, a juventude é o alvo e, ao mesmo tempo, o propagador dessa escravidão da moda ditada pela indústria cultural. Então, sem terem o domínio sobre suas escolhas, adolescentes de várias idades se introduzem na net em fotos provocantes, mostrando suas intimidades corporais para quem quiser ver, curtir e compartilhar. O perigo disso mora na precoce iniciação da sexualidade sem a orientação devida de um adulto. Ou seja, inconscientemente, muitos servem de modelos nessa vitrine chamada de internet, porém nem sempre os ganhos com isso se limitam apenas a curtidas e compartilhadas. Tão recente quanto o Selfie é o Sexting, anglicismo que se caracteriza pelo envio de imagens sensuais e/ou sexuais de pessoas através de celulares ou pelas redes sociais. Entre as vítimas mais comuns dessa prática estão também os adolescentes. Rapazes e moças que se autofotografam e publicam suas fotos nas muitas páginas virtuais existentes estão suscetíveis aos ataques de aproveitadores, que aliciam jovens para o mundo da prostituição, ou pior, se apropriam de suas imagens para utilizá-las em sites pornográficos. Diante disso, percebe-se que, sem saberem, muitos

desses indivíduos são substituídos pelo convidativo mundo virtual. Entregues as curtições, pessoas de várias idades e classes sociais, se fotografam e expõem seu corpo e intimidades para quem quiser ver. Na verdade, as palavras curtir e compartilhar são dignas de análise, visto que hipnoticamente exercem um poder sobre o internauta. Quando se fala em curtir, lembra-se logo de algo alegre, de diversão, curtição enfim. Por isso, quando se expõe algo na net, principalmente em fotos, os indivíduos não enxergam isso com periculosidade, mas como mais uma curtição dessa atmosfera feliz e plastificada. Pior ainda é quando é compartilhada, pois tal ato traz implicitamente a mensagem de que foi partilhado com outro algo que é bom ou digno de ser revisto. Ora, nem tudo o que é curtido e compartilhado na net é ruim, mas será que curtir fotos sensuais e compartilhá-las é legal? Melhor ainda, será que é bacana tirar tais fotos. Claro que o Selfie não tem a intenção de incitar práticas promíscuas entre as pessoas. Em tese, a ideia é moldurar momentos marcantes entre aqueles que são considerados importantes. Esse fenômeno virtual não pode ser crucificado pela promiscuidade do nosso país, pois esta tem outras raízes. Entretanto, por trás dessa inocente atividade há mensagens subliminares que merecem ser analisadas com cautela, sobretudo numa sociedade envolta em cirurgias plásticas, implantes disso e daquilo, anabolizantes cada vez mais potentes e encarceradas em academias. Ou seja, se o usuário não tiver ciência de que publicar fotos fazendo caras e bocas pode ser algo perigoso, tanto para quem faz como para quem ver do outro lado, ele estará assumindo o risco de perpetuar uma sexualidade doentia nesses meios virtuais. Além disso, há a superficialidade em torno dessa questão. Enquanto no passado buscava-se o interior do ser humano, seus dilemas e frustrações, agora é o externo que

importa. A busca pela imagem perfeita, pelo ângulo exato, fez do homem moderno um manequim de si mesmo, inexpressivo, apenas refletindo uma couraça sem falhas estéticas, mas carente, sem rumo, nem direção. É quando fica nítida a frase de Caetano Veloso, quando este diz “é que Narciso acha feio o que não é espelho”. O ser humano da modernidade tem medo de se ver de verdade, preferindo se esconder em sorrisos fingidos, poses forçadas e belezas cirúrgicas ao invés de encarar quem ele realmente é. E esse autoengano tem resultado em perfis lotados nas redes sociais, mas relações vazias, contatos vagos e humanos cada vez mais desorientados. Talvez isso tudo seja apenas um fenômeno passageiro, igual a muitos outros que surgem e desaparecem nas redes sociais. Seja como for, enquanto estiver latente, o Selfie, ou qualquer outro modismo, merece uma acurada reflexão. Pois, nem tudo na rede social deve ser encarado como brincadeira. Há coisas que, mesmo divertidas, escondem práticas perversas. Também não se devem criar pânico desnecessários sobre tal fenômeno. Como dito, ele não é o principal responsável pela doentia sexualidade social dos indivíduos. Ele é apenas mais um vírus diante de tantos neste contexto. Cabe, então, a cada um fazer o uso consciente desse meio e não se entregar a superficialidade existente nele. Há muitas coisas que devem ser fotografadas e eternizadas e, nem sempre são belas, pois a vida só tem sentido porque suas belezas nem sempre são agradáveis aos olhos.

Copy the BEST Traders and Make Money : <http://bit.ly/fxzulu>